

## EDITORIAL

O momento político em que vivemos em nosso país nos remete a uma reflexão dos vários problemas encontrados neste ano. As instituições passam por uma situação delicada, perigosa na qual a sociedade acaba reverberando a desorganização gerada por uma situação política caótica e o país economicamente arrasado, em plena recessão, ocasionado por gestões errôneas, equivocadas ou fraudulentas. A corrupção é sistêmica em todas as esferas do setor público.

O que esperar para nossas futuras gerações, que em sua política de Pátria Educadora obriga aos nossos alunos do sistema educacional básico a passar de ano mesmo sem alcançar as notas mínimas, tudo para obter melhor nota no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Na qual a Educação é tratada com descaso, sem infraestrutura, com professores mal remunerados. Um sistema feito para manter os governos populistas perpetuando-se no poder com votos de pessoas pouco instruídas ou financiadas pelos inúmeros programas eleitoreiros de nossos governantes. Um dos principais índices mundial de avaliação do ensino médio, o PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, divulgado este ano classifica nosso país na 65ª posição de um total de 70 países.

O mais curioso é que estamos atrás de países como a Indonésia, Qatar e Jordânia no cenário mundial, e na América Latina atrás de Chile, Uruguai, Peru e Costa Rica. A mudança desta geração de crianças desinformadas, mal formadas, sem cultura e habilidades para resolver problemas continuará a manter o status quo de país subdesenvolvido, manipulado por políticos sem compromisso com o nosso país ou a educação, principal característica para sairmos deste cenário cruel. Talvez tenhamos algumas décadas para mudar o atual pacto de mediocridade adotada pelos nossos governantes, não temos outra opção.

Mas, o que esperar de um governo que acaba com a autonomia de nossa representação maior que é o Conselho Federal de Medicina (CFM) quando cria o Programa Mais Médicos por meio da Lei 12.871/2013 e, nesta mesma Lei, altera os currículos das Faculdades de Medicina e os Programas de Residência Medicina. Em relação ao CFM, transfere o registro médico para o Ministério de Saúde e cria outra forma de identificação de médicos, poder paralelo ao CFM, destituindo o revalida e os deveres que a todos os médicos brasileiros estão regidos.

No âmbito da Comissão Nacional de Residência Médica que outrora fora autônoma, passou a ser censurada pela Câmara Mista. E, não satisfeitos, criaram o Provac – programa para levar os médicos aos locais distantes por troca de notas para acesso à Residência Médica – novamente deteriorando a meritocracia e colocando valorizações escusas em provas de residência médica. E, por último, determinando que todos os médicos residentes deverão fazer um ano de Medicina da Família, independente do programa de residência.

Estamos assistindo apáticos a transformação da medicina em Programas de Médico da Família como se isso resolvesse o problema de saúde da família. Estão tentando implementar no país a medicina observada no sistema bolivariano a que estão equiparado a países como, imaginem o caos, Venezuela, Bolívia e Cuba.

No âmbito da formação acadêmica das Universidades, o currículo das Faculdades tem trazidos alterações esdrúxulas tentando transformar a formação médica em formação de agentes de saúde, aptos a encaminhar os pacientes, mas sem a formação holística do médico – tudo estará focado na Medicina Comunitária. De tal forma que mesmo após a

destituição deste governo teremos muito trabalho para reverter estas alterações ultrajadas e introduzidas na vida da Medicina deste País.

Como se não bastasse todas estas situações aqui citadas, temos ainda a situação dos Hospitais Universitários das Universidades Federais que foram repassados para a Empresa Brasileira dos Hospitais Universitários. Teoricamente esta nova estatal de aparelhamento deste Governo, teria como função diminuir os custos hospitalares por compras em conjunto. Mais uma atitude truculenta deste governo que aí está. Aos que desconhecem esta nova realidade dos Hospitais, temos como exemplo pontual a Gerenciar os Serviços Médicos pessoas não médicas, de tal forma que o Serviço de Cirurgia Geral do nosso Hospital hoje é gerenciado por uma profissional não-médica e a maior parte dos serviços dentro do Hospital são gerenciados por não-médicos, numa nítida ação direta contra os preceitos ditados pelo Código de Ética Médica, no qual devemos ter um médico responsável pelos serviços médicos.

E, assim, os Hospitais Universitários perderam os Serviços de Referência, dos professores que à época conhecemos como Levão Bogossian, Costabile Galucci e Antonio Ribeiro Netto que quando passavam pelo Hospital eram tratados com deferência e reverência. Não teremos mais isto nos Hospitais Universitários que estarão ligados a produção e metas e com nítido afastamento do Ensino e Pesquisa. A situação do país encontra-se de tal forma caótica, que temos Hospitais Universitários fechados e outros em via de fechar por falta de recursos para serem alocados e investidos.

Vamos esperar que no próximo ano ocorram mudanças no cenário atual, pois os institutos de pesquisa precisam de investimentos, as Universidades necessitam alavancar os cursos de graduação e pós-graduação e há necessidade de investimentos em todos os níveis da Educação de nosso país para que as futuras gerações possam ter uma melhoria na qualidade de vida. Diante de todas as adversidades, continuamos com o nosso trabalho de incentivar a pesquisa na área de saúde, buscando a qualificação da nossa revista junto a CAPES. Para tanto, já demos o primeiro passo, atualmente todo o processo de editoração do periódico, desde a submissão do artigo pelo autor, até o layout final e publicação é realizado pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), o que permite mais rapidez e transparência ao processo e maior visibilidade à Revista.

## Fernando Luiz Westphal

Editor-Chefe da Revista HUGV. Pós-Doutor em Cardiopneumologia. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina/UFAM. Médico Assistencial do HUGV.